

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS**

**LAURA MAY GONÇALVES**

**DESENHO CONTEMPORÂNEO: NOVAS CONCEPÇÕES PARA O OLHAR DO  
ALUNO**

**CRICIÚMA**

**2017**

**LAURA MAY GONÇALVES**

**DESENHO CONTEMPORÂNEO: NOVAS CONCEPÇÕES PARA O OLHAR DO  
ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Alan Figueiredo Cichela

**CRICIÚMA**

**2017**

**LAURA MAY GONÇALVES**

**DESENHO CONTEMPORÂNEO: NOVAS CONCEPÇÕES PARA O OLHAR DO  
ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 21 de novembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Alan Figueiredo Cichela - Mestrando - (UFRGS) - Orientador

Prof<sup>a</sup>. Daniele Cristina Zacarão Pereira - Mestranda - (UDESC)

Prof. Sérgio Honorato - Mestre - (UFSC)

**Dedico este trabalho ao meu falecido avô Almiro May.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço à minha família por sempre lutarem para me proporcionar uma boa educação, e pelo incentivo de cursar uma graduação sem negarem esforços.

Agradeço imensamente ao Curso de Artes Visuais, juntamente a todos os professores que sempre estavam abertos a ajudar além das aulas, e muitas vezes até foram um ombro amigo. E em especial ao meu orientador Alan Cichela, e às professoras Angélica Neumaier, Cláudia Zimmer e Katiuscia Kamo, que foram de extrema importância e inspiração para este trabalho.

À UNESCO por me proporcionar junto com o curso muitas oportunidades de crescimento acadêmico, participando de diversos projetos de pesquisa e extensão.

E jamais eu poderia deixar de agradecer aos meus amigos que estiveram muito presentes nesses anos, fazendo com que eu me tornasse uma pessoa mais feliz. Agradeço de todo o meu coração as minhas amigas Priscila Reinert, mais conhecida como Popo Kp, Taís Rabelo, a pessoa mais engraçada que já conheci, e Daiane Paes, por estarem esses cinco anos me acompanhando quase todos os dias, sendo amigas para todas as horas.

Também agradeço aos maiores frequentadores do C.A. Artes Visuais, que já conhecia mas me aproximei muito na fase final do meu percurso, pelos papos jogados fora e sanduíches compartilhados.

Agradeço também ao Lucas Barbosa, que esteve ao meu lado e me acalmou nos maiores momentos de desespero, me ajudando e me incentivando a continuar.

E por fim, agradeço aos meus amigos Capirators cachaceiros que me animaram quando necessário, mas também me chamaram com menos frequência para os 'rolês', sabendo que eu não podia ir como antes por esse tempo de maior necessidade de concentração.

Sem essas pessoas eu não conseguiria chegar até aqui. Muito obrigada!

**“Tal como o fluxo do rio de Heráclito, nunca se desenha o mesmo desenho, nunca o traço e a linha será igual.”**

**DERDYK, Edith.**

## RESUMO

A presente pesquisa insere-se na linha Educação e Arte do Curso de Artes Visuais – Licenciatura e tem como objetivo analisar de que forma o desenho contemporâneo pode gerar uma nova concepção do aluno sobre seu próprio desenho. Para tanto, apresento assuntos pertinentes para a pesquisa como o ensino da arte, a influência da arte academicista e do belo, e o desenho, tendo como referências autores como Edith Derdyk, e Ferraz e Fusari, além de diversos artistas contemporâneos. A pesquisa trata também sobre a inserção da arte contemporânea no espaço escolar, finalizando com a prática e reflexão dos protagonistas da pesquisa. Esses protagonistas são alunos do Centro de Educação de Jovens e Adultos, adjunto à EEB Ministro Jarbas Passarinho de Criciúma/SC. Esta pesquisa tem como problematização: Como o estudo e práticas sobre desenho contemporâneo pode criar novas concepções para o olhar do aluno sobre seu próprio desenho? Objetivando construir novos conceitos e olhares sobre o desenho, desenvolvi uma oficina e entrevistas no espaço escolar, as tendo como pesquisa experimental, e de caráter exploratório. Por meio do espaço de narrativa, com uma pesquisa qualitativa e de natureza aplicada, deu-se a coleta dos dados, resultando na análise. Espero que este trabalho de conclusão de curso possa auxiliar outras pessoas que desejem compreender melhor essas abordagens do desenho contemporâneo e abra caminhos para pesquisas futuras.

**Palavras-chave:** Desenho. Desenho Contemporâneo. Arte contemporânea. Ensino da arte. Belo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Sem título, 2016. Laura May .....	12
Figura 2 - Tarde de Domingo na Ilha Grande Jatte, 1884-86. Georges Seurat.....	17
Figura 3 - Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas/MG .....	18
Figura 4 - Abaporu, 1928. Tarsila do Amaral.....	18
Figura 5 - A criação de Adão, 1508/1510. Michelangelo .....	20
Figura 6 - Caverna de Chauvet Pont D'Arc, cerca de 30.000 anos .....	27
Figura 7 - Perfil de um Homem e Estudo de Dois Cavaleiros, 1497. Leonardo Da Vinci .....	28
Figura 8 - Antropometria com Masculino e Feminino, 1960. Yves Klein .....	29
Figura 9 - 16 milhas de fio, 1942. Marcel Duchamp .....	31
Figura 10 - The Cow, 1925. Theo Van-Doesburg.....	32
Figura 11 - Esfera nº8, 1977. Gego.....	33
Figura 12 - ADA, 2010. Karina Smigla-Bobinski.....	34
Figura 13 - Penwald Drawings, 2001. Tony Orrico.....	35
Figura 14 - It's a Draw/Live Feed. Trisha Brown .....	36
Figura 15 - Série 'Linhas e Riscos", 2009. Janor Vasconcelos .....	42
Figura 16 - Atividade I .....	43
Figura 17 - Two Stage Transfer Drawing, 1971. Dennis Oppenheim .....	44
Figura 18 - Atividade II .....	44
Figura 19 - Huldufólk II, 2017. Christopher Tandy.....	45
Figura 20 - Atividade I .....	46
Figura 21 - Atividade II .....	47
Figura 22 - Atividade III .....	47



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
EEB	Escola de Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCSC	Proposta Curricular de Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1 METODOLOGIA.....	13
<b>2 O ENSINO DA ARTE</b> .....	<b>16</b>
2.1 A ARTE ACADÊMICA E A INFLUÊNCIA NAS AULAS DE ARTE.....	20
2.2 A INFLUÊNCIA DO BELO.....	22
<b>3 ARTE CONTEMPORÂNEA</b> .....	<b>24</b>
<b>4 O DESENHO</b> .....	<b>26</b>
4.1 PROCESSO.....	30
4.2 POSSIBILIDADES PARA O DESENHO.....	30
<b>5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>37</b>
5.1 ENTREVISTA 1.....	37
5.2 OFICINA DE DESENHO CONTEMPORÂNEO.....	41
5.3 ENTREVISTA 2.....	48
<b>6 PROJETO DE CURSO</b> .....	<b>52</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>56</b>
<b>APÊNDICE(S)</b> .....	<b>59</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA I</b> .....	<b>60</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA II</b> .....	<b>61</b>
<b>APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA</b> .....	<b>62</b>
<b>APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO</b> .....	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Dentro da universidade ouvi muitas pessoas dizendo que para um projeto de pesquisa dar certo o pesquisador tem que ter a vontade de saber sobre o assunto como quase uma necessidade, “A temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, ela deve lhe dizer respeito.” (SEVERINO, 2002, p.145). Eu demorei, mas descobri sobre o que eu realmente quero pesquisar. Então minha pesquisa é baseada no desenho e o conceito que se tem em ‘o que é saber desenhar’, tendo o intuito de aos poucos diminuir a fala ‘eu não sei desenhar’, de muitos alunos.

Quando entrei para o curso de Artes Visuais – Licenciatura eu já imaginava sobre o que pesquisar para o trabalho de conclusão de curso, pensava em fazer algo relacionado com traumas que crianças adquirem e levam para vida quando algum professor fala coisas como ‘esse desenho está errado, olha o do colega, que bonito’, ou até mesmo ‘o que é isso? Não parece o que eu mandei desenhar!’. Eu passei por isso e me lembro até hoje.

Eu estava ainda na educação infantil, na época chamada de pré-escola, e a professora pediu para que desenhássemos um personagem, e eu desenhei o que estava estampado em minha blusa. O colega ao meu lado também desenhou o mesmo personagem, mas conforme o olhar da professora, o dele estava “correto”, e o meu, por ser composto de vários riscos coloridos, estava “errado”. Então surgiu a fala dela: ‘Laura, o teu desenho está feio, olha o do *fulano* como está certinho’.

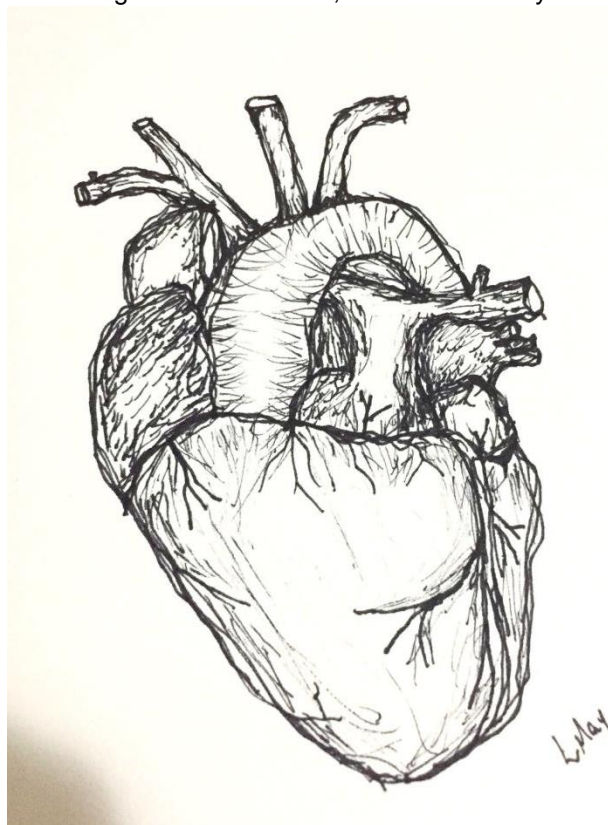
Até hoje essa fala ecoa na minha cabeça, o que dificultou em muito meu processo relacionado ao desenho até mesmo na graduação.

Alguns professores da pré-escola ansiosamente descarregam técnicas para a criança “aprender a desenhar”, inibindo, desta forma, qualquer tipo de exploração, ou “subversão”, tanto em relação ao uso do material quanto à manifestação de elementos gráficos que expressem um imaginário pessoal. (DERDYK, 2015, p. 32)

Felizmente, depois de muitas aulas no curso de Artes Visuais relacionadas a desenho, veio a que ampliou o meu olhar para o desenho, a disciplina de Desenho Contemporâneo. Facilmente eu compreendi as formas híbridas de desenhar, e, o

processo de criação, tanto que comecei a produzir e dedicar certo tempo ao desenho, pois encontrei uma forma que me agrada.

Figura 1 - Sem título, 2016. Laura May



Fonte: Acervo pessoal

É o conceito do desenho que se tem ainda na escola que me incomoda, e é disso que preciso falar e propagar o que pode talvez ser uma solução, assim como foi para mim.

Como é ressaltado na PCSC (Proposta Curricular de Santa Catarina), os alunos precisam exercitar a “manipulação e recontextualização de reproduções de obras de arte, exercícios de análise processual de trabalhos em andamento dos próprios estudantes”. (BRASIL, 2014, p. 181)

Grande parte dos estudantes brasileiros passa por uma cultura escolar em que muitos professores apresentam todo ano alguma atividade baseada no mesmo artista, deixando assim o aluno com um repertório limitado. Pensando nisso vejo como necessário e importante apresentar artistas diversos e em especial que desenvolvem

suas produções a partir do Desenho Contemporâneo. Na atualidade “o aluno precisa compreender o contexto de cada uma dessas narrativas, sua história e suas motivações (funções) sociais” (BRASIL, 2006, p.187).

A partir dessas experiências e novos pensamentos sobre o desenho, trago como problema de pesquisa: Como o estudo do desenho contemporâneo pode contribuir para um novo olhar do aluno sobre seu próprio desenho?

Buscando assim analisar de que forma o desenho contemporâneo pode gerar uma nova concepção do aluno sobre o desenho; discutir sobre o que é desenho e seus conceitos; construir novos conceitos e olhares sobre o desenho; propor um projeto de curso que discuta o desenho contemporâneo e sua contribuição para a formação de novos olhares sobre o desenho.

Para dialogar com as questões citadas acima, trago autores como FERRAZ e FUSARI (1993/2009), BOSCO (2011), e documentos como a PCN (1998), LDB (1996) e PCSC (2014) para falar do ensino da arte. Para abordar o desenho e sua história trago como principais autoras DERDYK (2015/2007) e AZEVEDO (2009). Para as ideias da arte contemporânea cito CAUQUELIN (2005), COLI (2013), e COCCHIARALE (2007), e para os demais pontos da pesquisa apresento LAMAS (2007), COSTA (2011) e diversos outros autores.

## 1.1 METODOLOGIA

A pesquisa na qual trago como problema “Como o estudo do desenho contemporâneo pode contribuir para um novo olhar do aluno sobre seu próprio desenho?” inclui-se na linha de pesquisa Educação e Arte, por conta do foco nas artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas, no estudo sobre estética e suas implicações com a arte e a educação, do curso de Artes Visuais - licenciatura da UNESC. Quanto à natureza desta, trata-se de uma pesquisa aplicada com uma abordagem qualitativa e objetivo exploratório.

Minha pesquisa intitulada Desenho Contemporâneo: Novas Concepções para o olhar do aluno tem como objetivo geral: analisar de que forma o desenho

contemporâneo pode gerar uma nova concepção do aluno sobre o desenho. E como objetivos específicos: discutir sobre o que é desenho e seus conceitos; construir novos conceitos e olhares sobre o desenho; propor um projeto de curso que discuta o desenho contemporâneo e sua contribuição para a formação de novos olhares sobre o desenho.

Para atingir os objetivos a pesquisa inicia-se com o estudo bibliográfico tendo auxílio dos autores citados na introdução, para posteriormente iniciar a pesquisa experimental, que consiste em realizar duas entrevistas com os alunos do CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos) de Criciúma/SC, uma antes e outra depois de uma oficina sobre o desenho contemporâneo, assim tendo um retorno das ações, e conseguindo uma possível resposta para a questão problema, pois:

Nesse tipo de pesquisa, a manipulação das variáveis proporciona o estudo da relação entre causa e efeito de um determinado fenômeno. [...] Interfere-se diretamente na realidade, manipulando-se a variável independente a fim de observar o que acontece com a dependente. (BERVIAN, CERVO, SILVA, 2007, p. 63)

A primeira entrevista tem o intuito de perceber quais são os conhecimentos dos alunos sobre o desenho, para então iniciar uma apresentação falando sobre o desenho, desenho contemporâneo e artistas que tiveram/tem influência no assunto. Em seguida iniciarei uma oficina com base em três produções artísticas<sup>1</sup> para posteriormente fazer uma segunda entrevista e saber se o olhar dos alunos foi modificado de alguma forma.

Diversos autores são referências para esta pesquisa e aqui trago os principais utilizados em cada capítulo: No capítulo 2 Ensino da Arte, trago Ferraz e Fusari (1993) e Bosco (2011), no subcapítulo 2.1 Arte Acadêmica e a Influência nas Aulas de Arte trago Barbosa A. M. (2010), e para o subcapítulo 2.2 A Influência do Belo trago Costa (2011). Já no capítulo 3 Arte Contemporânea, dialogo à partir de Cauquelin (2005) e Agamben (2009). Para o capítulo 4 Desenho, trago Derdyk (2007/2015), e para seus demais desdobramentos, como 4.1 Processo, trago Favaretto (2010), em 4.2

---

<sup>1</sup> Essas são: Uma obra da série “Linhas e Riscos” (2009) de Janor Vasconcelos, *Two Stage Transfer Drawing* (1971) de Dennis Oppenheim, e *Huldufólk II* (2017) de Christopher Tandy.

Possibilidades Para o Desenho, trago Lamas (2007) e Azevedo (2009). Por fim, em 6 Projeto de Curso, trago Bozzano, Frenda e Gusmão (2013).

## 2 O ENSINO DA ARTE

Os internatos jesuítas se espalham pelo Brasil já na colonização, e mesmo tendo passado mais de 500 anos, ainda sofremos grande influência da forma de ensino que era aplicada.

A arte, como disciplina, nem sempre fez parte do currículo escolar brasileiro. Só em 1971 é que foi incluída por lei como Educação Artística, que não tinha como obrigatoriedade ser ministrada por um profissional licenciado na área e era tida como atividade educativa ao invés de disciplina, e desde então vem sendo modificada, tanto que hoje este componente curricular é chamado de Artes, a qual inclui artes visuais, música, dança e teatro, e desde a LDB 9.394/96 “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (artigo 26, parágrafo 2º).

Junto com esse processo, as tendências pedagógicas brasileiras, divididas em liberais (tradicional, renovadora progressiva, renovadora não diretiva, tecnicista) e progressistas (libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos), também influenciaram diretamente o ensino da arte, pois em cada uma delas a arte é apresentada de formas muito diferentes. E apesar das diversas tendências, o que vejo ainda em maior predominância nas escolas é a pedagogia tradicional, que dentro da arte resgata uma visão eurocêntrica para o que é considerado arte. Ferraz e Fusari (1993) dizem que “Nessa concepção tradicional de educação, o que vale sempre é o *produto* a ser alcançado: é mais importante o *resultado* dos trabalhos do que o desenvolvimento dos alunos em arte.”, ou seja, além de ser um conceito ultrapassado, a arte acaba sendo utilizada como ferramenta, não como arte, por si só, conteúdo.

Em toda minha experiência como aluna de Artes, da 1ª série ao 3º ano, dentro da rede básica de ensino, tanto pública quanto particular, as aulas giravam em torno da história da arte, focando principalmente no período classicista<sup>2</sup>. Todo ano retornando ao renascimento, passando pelo pontilhismo da *Tarde de Domingo na Ilha Grande Jatte* (figura 2) de George Seurat (1859-1891), e quando havia uma abertura

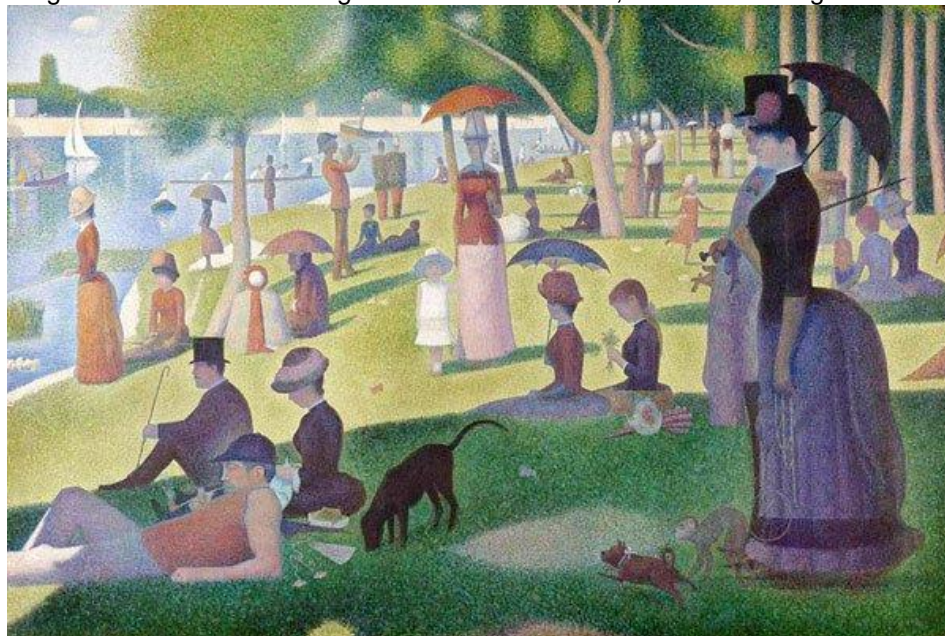
---

<sup>2</sup> “Liderado pelos movimentos artístico, político, filosófico e literário iniciados nas últimas décadas do século XVIII, e que se estendem pelo século XIX” (RIBEIRO, 2010, p.6)



para falar da arte brasileira sempre nos era (re)apresentado o barroco de Aleijadinho (1730-1814) (figura 3) e o modernismo de Tarsila do Amaral (1886- 1973) (figura 4), que normalmente é ilustrado pelo Abaporu.

Figura 2 - Tarde de Domingo na Ilha Grande Jatte, 1884-86. Georges Seurat



Fonte: DEMPSEY, 2010, p.27

Figura 3 - Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas/MG



Fonte: UNESCO<sup>3</sup>

Figura 4 - Abaporu, 1928. Tarsila do Amaral



Fonte: Cultura Genial<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: < [http://whc.unesco.org/?cid=31&l=en&id\\_site=334&gallery=1&index=13&maxrows=12](http://whc.unesco.org/?cid=31&l=en&id_site=334&gallery=1&index=13&maxrows=12) >

<sup>4</sup> Disponível em: < <https://www.culturagenial.com/abaporu/> >. Acesso em: 20 set 2017

De forma alguma desconsidero a grande importância desses movimentos/artistas, são obras dignas de admiração, porém há muito mais possibilidades a serem estudadas com os alunos nas diversas fases de ensino. E como é salientado na PCN,

As práticas de ensino de Arte apresentam níveis de qualidade tão diversificados no Brasil que em muitas escolas ainda se utiliza, por exemplo, modelos estereotipados para serem repetidos ou apreciados, empobrecendo o universo cultural do aluno. (1998, p.19)

A tendência crítico-social dos conteúdos é considerada por muitos a ideal, pois

Cabe à escola difundir os conteúdos vivos, concretos, indissoluvelmente ligados às realidades sociais. Os métodos de ensino não partem de um saber espontâneo, mas de uma relação direta com a experiência do aluno confrontada com o saber trazido de fora. O professor é mediador da relação pedagógica – um elemento insubstituível. É pela presença do professor que se torna possível uma “ruptura” entre a experiência pouco elaborada e dispersa dos alunos, rumo aos conteúdos culturais, permanentemente reavaliados face às realidades sociais. (CENAFOR apud Ferraz e Fusari, 2009, p. 54)

Sendo assim, o aluno deve entender o contemporâneo além do clássico, pois é o que ele está vivendo, assim tendo uma base teórica para melhor entender o que acontece à sua volta, indo além de um único ponto de vista.

Em contraponto com isso há um grande problema que vejo acontecer nas escolas dentro de toda a minha experiência, em que grande parte dos professores evitam ao máximo falar sobre a arte contemporânea, e muitas vezes, quando falam sobre, trazem uma concepção errônea, não deixando claro para o aluno qual a ideia principal da mesma, o que ajuda a causar um estranhamento sobre as produções artísticas contemporâneas, pois “fomos acostumados a considerar a arte pela “beleza”, pela dificuldade evidente de sua elaboração, pelo talento que emana de uma pintura ou escultura deflagrando o alto nível de habilidade técnica” (BOSCO, 2011, p.96), e a arte contemporânea não tem essa preocupação com o “belo” tradicional, por isso deve ser muito bem explicada e situada.

Alguns professores veem isso como uma grande responsabilidade e então se afastam, mas afastar-se “é deixar de conhecer, e não conhecer é um modo de evitar seu ensino.” (BOSCO, 2011, p.97)

## 2.1 A ARTE ACADÊMICA E A INFLUÊNCIA NAS AULAS DE ARTE

Os primeiros registros de manifestação artística ou desenhos vêm do período primitivo, e com o desenvolvimento da humanidade essas manifestações foram sendo modificadas. Porém a arte classicista ganhou muita força e apesar de séculos terem se passado, ainda é extremamente influente nas artes, na escola e no senso comum.

No Renascimento<sup>5</sup> havia critérios de beleza que determinavam se uma obra era realmente bela, como equilíbrio, simetria e racionalidade.

Figura 5 - A criação de Adão, 1508/1510. Michelangelo



Fonte: Cultura Genial<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Arte produzida na Europa entre os séculos XIV e XVI. (COSTA, 2011, p.26)

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/a-criacao-de-adao-michelangelo/>>. Acesso em: 20 set 2017

Infelizmente “fomos acostumados a considerar a arte pela “beleza”, pela dificuldade evidente de sua elaboração, pelo talento que emana de uma pintura ou escultura deflagrando o alto nível de habilidade técnica do artista.” (BOSCO, 2011, p. 96). A questão da habilidade técnica e da dificuldade distância muitos do fazer, pois interfere na apreciação da produção, e isso faz com que o aluno se negue a desenhar, pois não considera sua produção boa o suficiente, assim falando coisas como ‘não sei desenhar’. Passei pela mesma dificuldade por diversos anos, já que pelo meu repertório artístico eu me sentia incapaz de fazer produções como aquelas. Como dito anteriormente, meus estudos apontam que existem professores que ainda focam muito no classicismo, assim podando a criatividade e o fazer artístico do aluno. Mesmo que muitas vezes os professores no início da escolarização não mostrem aos alunos as obras dessa época, utilizam de recursos didáticos que tem influência dos mesmos.

Por isso os alunos muitas vezes são levados a considerar apenas o técnico/tradicional como arte, pois é o que eles têm acesso na escola, e poucos se interessam a pesquisar sobre arte, e outros conteúdos, por conta própria.

Outro erro muito comum é quando um professor apresenta uma obra para os alunos e pede aos alunos que copiem, apenas com a intenção de imitação, encobrando esse erro dizendo que está trabalhando releitura<sup>7</sup>, assim gerando resultados que “são trabalhos em que o aluno tenta agradar o professor copiando a obra ou o próprio professor achando que o melhor resultado é o que se encontra mais próximo representacionalmente da obra, em questão.” (BARBOSA, A. A., 2005 apud BARBOSA, A. M., 2010, p.144). Tudo isso vem ao encontro com a questão do belo, pois há uma busca de ideal de beleza, uma representação perfeita, tentando resgatar a mesma emoção, o que não é possível, então acaba gerando um descontentamento com a atividade feita.

O importante é que o professor não exija representação fiel, pois a obra observada é suporte interpretativo e não modelo para os alunos copiarem. Assim estaremos ao mesmo tempo preservando a livre-expressão, importante conquista do modernismo [...] e nos tornando contemporâneos. (BARBOSA, A. A., 2005 apud BARBOSA, A. M., 2010, p.144).

---

<sup>7</sup> Segundo Pillar (2006, p.18), releitura é “um fazer a partir de uma obra. Rer ler é ler novamente, é reinterpretar, é criar novos significados..”

## 2.2 A INFLUÊNCIA DO BELO

O conceito de belo varia de pessoa para pessoa, pois cada um enxerga a beleza de diferentes formas. Até mesmo podemos achar algo belo em um dia, e no outro dia não, ou seja, não há como definir o belo de uma forma geral, não é uma essência imutável, ela foi sendo modificada através dos anos.

Apesar do tempo, para muitos, a produção só é considerada arte se ela for bela, agradável aos olhos, tratam-nas como se fossem sinônimos e isso se tornou um conceito universal. Há características que juntas formam esse conceito, como a harmonia, simetria, perfeição, equilíbrio, e acabamento.

Segundo Ferraz e Fusari (2009, p.44) “Os professores preparavam os alunos para serem, no futuro, bons profissionais e com formação regida por regras fundamentadas no pensamento dominante, como a estética da “beleza e do bom gosto”, e “a emoção estética [...] depende da nossa sensibilidade moldada pelo meio social e pela cultura na qual vivemos” (COSTA, 2011, p.35), então como os alunos veem novas possibilidades se o que é passado para os mesmos é algo restrito? Claro que há uma influência externa a da rede de ensino, mas cada vez mais os alunos passam seu tempo na escola.

Como já citado, o Renascimento influencia esses conceitos, retratando o belo através do corpo espiritualizado, do retrato da natureza real e perfeita, e caso haja imperfeições nessa realidade, as obras são modificadas para parecerem ideais, pois “o arranjo que causa prazer visual no espectador; todas as teorias da imagem que não se radicam no prazer do espectador fazem desconfiar de sua eficácia e se condenam à insignificância.” (HICHEY apud BOURRIAUD, 2009, p.86)

Considerando todas essas afirmações, notamos que o Renascimento não aceita as imperfeições, escondendo toda a realidade obscura, o que não se aplica aos padrões da contemporaneidade, que exige novos critérios, diminuindo a importância do belo e dando mais relevância à significação crítica, o conceito de toda a obra, exigindo que o espectador crie novos olhares.

A arte contemporânea também causa um grande estranhamento aos leigos pelo fato de muitas vezes mostrarem coisa “feias”, com a intenção de afetar o

espectador de alguma forma. Particularmente, os conceitos das produções contemporâneas me fazem refletir sobre as críticas, assim tornando, muitas vezes, a produção bela pela sua ideia.

Por que só mostrar o “belo”, o feliz, se existe muito sentimento contrário a ser expressado?

### 3 ARTE CONTEMPORÂNEA

É imprescindível falar sobre arte ao pesquisar o desenho, nesse caso em específico, o desenho contemporâneo. Mas o que é Arte?

Essa é uma pergunta bastante difícil de responder, pois não há uma definição exata para tal conceito. “Mas se buscarmos uma resposta clara e definitiva, decepcionamo-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única” (COLI, 2013, p.7), contudo, conseguimos ter uma definição pessoal sobre o que é arte.

Tive interesse em cursar Artes Visuais por conta do fascínio que tenho pela arte renascentista, e pelo dadaísmo – movimento que conheci em um curso técnico, não no ensino regular –, mas havia um emaranhado de dúvidas quanto à arte contemporânea, assim levando um tempo para aceitá-la dentro das minhas concepções artísticas. E, além disso, desde que comecei a percebê-la, noto que vem com uma bagagem crítica na sua execução, mas não conseguia diferenciá-la da arte moderna. Pesquisando, “há de fato uma ruptura entre os dois modelos apresentados, o da arte moderna, pertence ao regime de consumo, e o da arte contemporânea, pertence ao de comunicação.” (CAUQUELIN, 2005, p.87), ou seja, a arte moderna tem uma ideia mais voltada ao consumo excessivo, às grandes marcas, e a arte contemporânea traz muitas críticas voltadas à sociedade, também comunicando o que está acontecendo.

Duchamp (1887 – 1968) foi um grande precursor dessa ideia, junto com outros artistas funda o Dadaísmo, movimento de vanguarda que questiona o *status quo* da arte. Chamada de antiarte, já que questionava as regras da arte, assim se tornando inspiração para a arte contemporânea e para o movimento conceitual, trazendo a ideia de que o conceito é mais relevante que o resultado final.

É importante também entendermos o que é contemporâneo por si só. Agamben (2009, p.72) diz que o contemporâneo é “aquele que, dividindo e interpretando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder.”.



Outro fator de grande relevância é que o público diz não gostar da arte contemporânea pelo fato de não entendê-la. Conforme Cocchiarale (2007, p.14) “O problema é que essas pessoas usam um único verbo: *entender*. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi alguém dizer: Eu não consegui *sentir* essa obra. Como as pessoas têm medo de *sentir*, elas *entendem*.” E também pelo fato das obras muitas vezes serem críticas e polêmicas, muitos não se permitem senti-la.

Um aspecto indispensável que devemos compreender é que dentro da produção contemporânea não há grupos com categorias fixas. Tudo é possível e pode ser unido, híbrido, outra característica do contemporâneo. Lamas (2007, p.32) diz que o hibridismo é “a impossibilidade de conceituar uma criação artística como pertencente a uma única vertente, categoria ou cultura, decorrente do ilimitado experimentalismo da arte contemporânea. Não há mais limites entre pintura e desenho, ação e *performance*, objeto e escultura, instalação e *site specific work*.” Sendo assim, nada torna-se errado, fora dos padrões e técnicas, já que agora é algo muito mais diversificado, gerando variadas possibilidades.

## 4 O DESENHO

Como tema central da pesquisa, precisamos entender o que é desenho, para então falar dos demais desdobramentos.

Quando penso em desenho vem logo em mente o papel, o lápis/caneta, e os traços. O termo *desenho* vai muito além dessas concepções, é cheio de significados, como “delinear, riscar, traçar por meio de linhas, contornos, riscos, pontos que vão formar uma imagem.” (GUSMÃO, 2012, p.155)

Precisamos entender que desenho é uma forma de expressão, registro de pensamento, lembranças, ou somente uma ideia. Derdyk ressalta esse pensamento dizendo que desenho é uma relação “com a coleta que o artista faz do mundo à sua volta.” (2007, p.40)

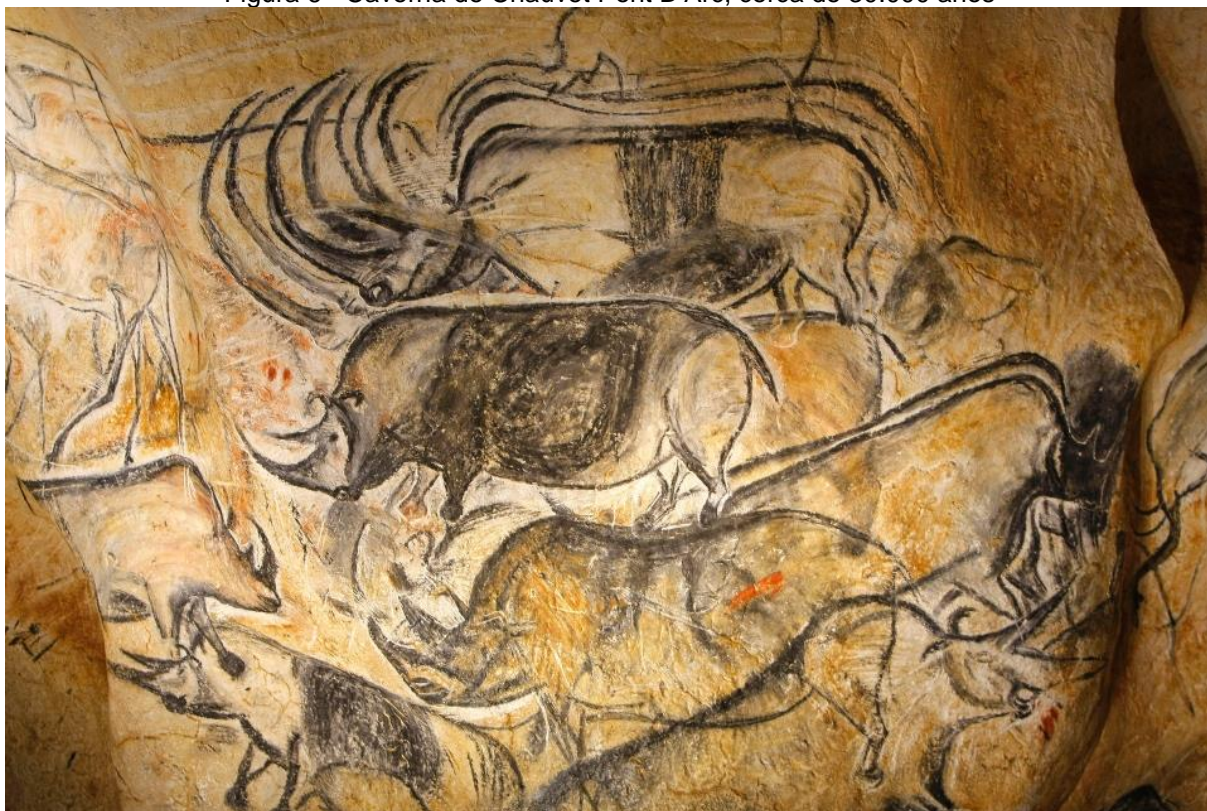
Há diversas definições para o desenho, que mostram toda a amplitude que o desenho possui, pois o desenho vai além de apenas riscos, “O desenho reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação expressão e conhecimento”. (DERDYK, 2015, p.42) Cano confirma isso dizendo que “desenho é [...] projeto, construção, invenção, linguagem e forma de conhecimento”. (CANO, 2012, p. 20).

Como sabemos, desde os primórdios o homem desenha, representando suas emoções, desejos e a si mesmo. É a forma mais antiga de expressão artística, o que com o tempo foi sendo modificado. Martins, Picosque e Guerra afirmam que “antes mesmo de saber escrever, o homem expressou e interpretou o mundo em que vivia pela linguagem da arte.” (1998, p.35) Esses registros datam entre 30.000 a 33.000<sup>8</sup> anos atrás, reforçando a ideia do registro do que acontece à nossa volta.

---

<sup>8</sup> Registros mais antigos. Fonte: <https://www.ancient.eu/image/6350/>

Figura 6 - Caverna de Chauvet Pont D'Arc, cerca de 30.000 anos



Fonte: Ancient History<sup>9</sup>

Com o passar o tempo o desenho se transforma em escrita, e o desenho figurativo deixa de exercer o papel da comunicação, tornando-se apenas parte do processo da criação de novas expressões artísticas. “O desenho de criação [...] age como campo de investigação, ou seja, são registros de experimentação: hipóteses visuais são levadas e vão sendo testadas, deixando transparecer a natureza indutiva da criação.” (DERDYK, 2007, p.37) Por conta disso, muitas vezes esses desenhos foram deixados de lado, jogados fora e esquecidos, restando hoje pouquíssimos registros dessas práticas. Porém, como exemplo trago um dos diversos desenhos de Leonardo Da Vinci (figura 7) que foram encontrados.

Os desenhos de Leonardo adoptam uma postura diferente, de pesquisa e interrogação. O autor, homem do Renascimento, vai utilizar o meio gráfico como processo de aprendizagem e estudo sobre vários assuntos de teor científico. Os seus desenhos são um testemunho dos seus questionamentos, da sua curiosidade e das suas hipóteses inventivas. (AZEVEDO, 2009, p.173)

<sup>9</sup> Disponível em: < <https://www.ancient.eu/image/6350/> >. Acesso em: 22 set 2017

Figura 7 - Perfil de um Homem e Estudo de Dois Cavaleiros, 1497. Leonardo Da Vinci



Fonte: Wikiart<sup>10</sup>

No início do século XX “A pintura e a escultura, passavam por mudanças repentinas, estabelecendo novos e diversos movimentos artísticos, que em comum negavam a tradição acadêmica do passado” (LAMAS, 2007, p.31). O desenho contemporâneo destrói limites que antes haviam no desenho classicista, se distanciando da cópia, do limite do papel, unindo a ideia à criação manual.

O pensamento básico que ainda se tem sobre o desenho é o tradicional, do lápis sobre o papel, mas com a chegada da contemporaneidade surge uma diversificada gama de opções de suporte para novas criações. Até mesmo o corpo é usado como instrumento e suporte para a criação, como produções de Yves Klein

---

<sup>10</sup> Disponível em: < <https://www.wikiart.org/pt/leonardo-da-vinci/profile-of-a-man-and-study-of-two-riders>>. Acesso em: 22 set 2017

(1928 – 1962) (figura 8), que guia mulheres com o corpo pintado para desenhar, como se fossem um pincel.

Figura 8 - Antropometria com Masculino e Feminino, 1960. Yves Klein



Fonte: The Red List<sup>11</sup>

Derdyk também cita outros materiais, como “papel, cartolina, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano, utilizando determinados instrumentos: lápis, cera, carvão, pincel, pastel, caneta hidrográfica, bico-de-pena, vareta, pontas de toda espécie” (2015, p.32), o que torna o desenho acessível a todos.

De todo modo, o conjunto dos registros gráficos que existem por aí – seja uma anotação no canto do papel para fixar rapidamente uma informação, seja um desenho mais elaborado em razão de uma demanda funcional, seja um esboço de um projeto de instalação ou rabiscos aleatórios -, enfim, estes, entre tantos

<sup>11</sup> Disponível em: < <https://theredlist.com/wiki-2-351-861-414-1293-1237-1291-view-european-abstraction-profile-klein-yves-1.html> >. Acesso em: 22 set 2017

outros, são os sinais de uma linguagem que se evidencia em territórios distintos, gerando uma região espaçosa de possibilidades, arco extenso que vai da ciência à arte. (DERDYK, 2007, p.18)

Ou seja, todos nós produzimos desenhos, e os alunos precisam ter consciência disso, para começar a desmistificar o desenho e acabar com a fala 'eu não sei desenhar'.

#### 4.1 PROCESSO

Dentro do desenho contemporâneo deve-se considerar todo o trajeto muito além do resultado final, “O desenho contemporâneo é um espaço de estímulo à criatividade e à experimentação que aglutina e cruza procedimentos de outras realidades.” (VASCONCELOS e ELIAS, 2006, p.1189), ou seja, as experimentações e toda parte envolvida na produção é o desenho.

Bortocan (2013, p.260) ressalta essa afirmativa dizendo que “O desenho como processo é o desenho que pode surgir sem qualquer intencionalidade do artista, é o desenho que não exclui o acaso, é o rascunho de uma ideia.”, não deixando nada se perder, qualquer ideia e esboço devem ser guardadas, pois o processo mostra a maneira que o artista pensa.

Não necessariamente todo processo deve ser considerado como arte, “os processos não são propriamente funções; são devires, e estes não se julgam pelo resultado que os findaria, mas pela qualidade dos seus cursos e pela potência de sua comunicação.” (FAVARETTO, 2010, p. 231).

#### 4.2 POSSIBILIDADES PARA O DESENHO

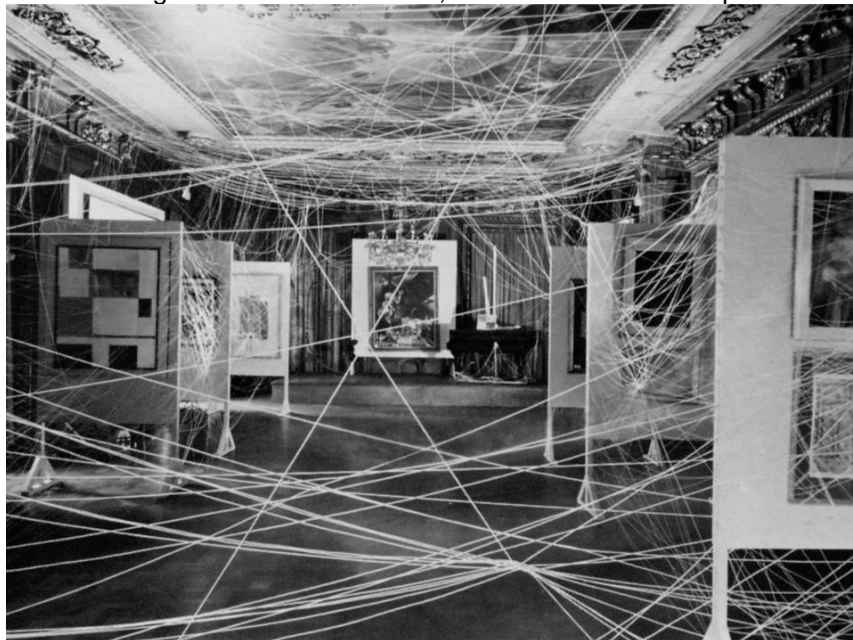
Alguns artistas modernos foram grandes inspirações para a arte contemporânea, e o mais citado é Marcel Duchamp, que “revolucionou o conceito de obra de arte, inspirando a arte contemporânea tal como se conhece hoje.” (MINK, 1996

apud LAMAS, 2007, p.32). Por conta disso utilizo uma de suas produções como exemplo, assim como a produção *The Cow* de Theo Van Doesburg (1883 – 1931), que pertencem ao modernismo, mas tem ligação com o contemporâneo e com este trabalho.

“A instalação ‘16 Milhas de Fios’, de 1942, criada para a abertura de uma exposição em Nova York sobre arte surrealista, é um exemplo claro desta passagem do desenho, do bidimensional para o tridimensional.” (AZEVEDO, 2009, p.65) Essa é uma obra que possui 1.610 metros de fio barbante que percorrem uma exposição surrealista, passando principalmente em torno das obras expostas, o que faz com que o espectador tenha que interagir com os fios (obra) para conseguir apreciar as demais produções expostas.

Podemos utilizar a obra *16 milhas de fio* (Figura 9) e seu conceito para dar uma introdução aos alunos sobre a arte contemporânea e a ligação com o desenho, propondo que façam desenhos com fios, sendo colagens, instalações ou a linguagem que achar mais interessante, assim mostrando ao aluno que o desenho não é apenas o traçado do lápis sobre o papel.

Figura 9 - 16 milhas de fio, 1942. Marcel Duchamp

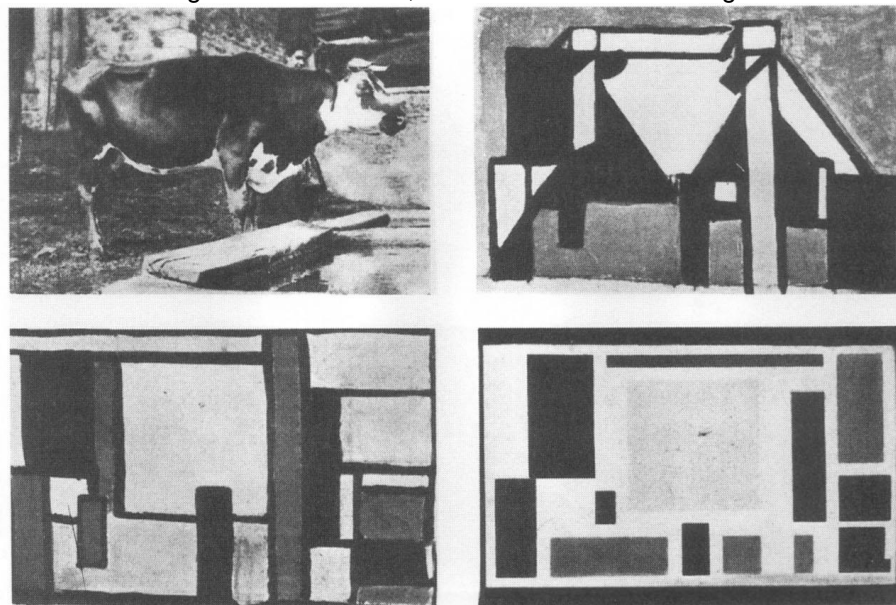


Fonte: (DEMPSEY, 2010 p.247)

Van Doesburg transformou um desenho figurativo de uma vaca em uma pintura De Stijl<sup>12</sup>. Para chegar às características do De Stijl, começou a abstrair os traços do desenho de forma gradual, até que chegou ao resultado da figura 10.

Acho essa uma excelente ideia para desconstruir o olhar do aluno, utilizando imagens e transformando-as em uma produção abstrata, com a intenção de afasta-los um pouco do figurativo.

Figura 10 - The Cow, 1925. Theo Van-Doesburg



ÄSTHETISCHE TRANSFIGURATION EINES GEGENSTANDES  
 Abb. 5: Photographische Darstellung. Abb. 6: Formgebundene Akzentuierung von Verhältnissen.  
 Abb. 7: Aufhebung der Form. Abb. 8: Bild

Fonte: (DEMPSEY, 2010, p.123)

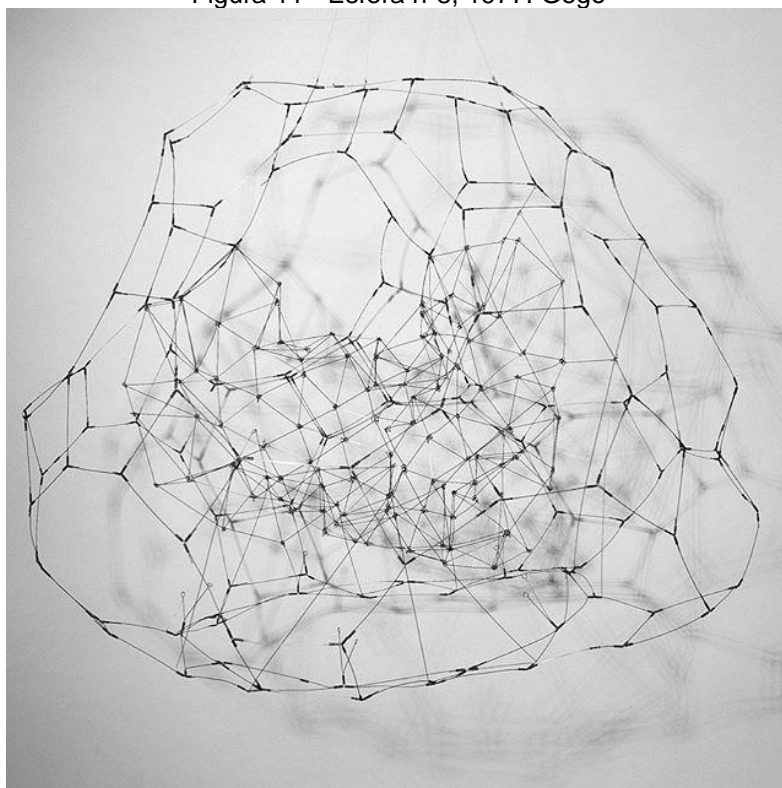
Já no contemporâneo, trago a produção de arte cinética, Esfera nº 8 (figura 11) de Gego (Gertrud Goldschmidt, 1912-1994) como exemplo de desenho contemporâneo, que utiliza fios de aço inoxidável para fazer desenhos delicados sem papel, novamente vendo o contorno, a linha como desenho, formando o desenho, assim fazendo atividades como a inicial, porém variando o instrumento, fazendo o aluno

<sup>12</sup> “O uso de linhas horizontais e verticais, de ângulos retos e de áreas retangulares com cores rebaixadas caracteriza a produção do período. No devido tempo, a paleta acabaria sendo reduzida, empregando-se apenas as cores primárias vermelho, amarelo e azul e as cores neutras branco, preto e cinza.” (DEMPSEY, 2010, p.121)



ter experiência com diversos materiais entendendo como funcionam e experimentando o hibridismo, que “é a impossibilidade de conceituar uma criação artística como pertencente a uma única vertente, categoria ou cultura, decorrente do ilimitado experimentalismo da arte contemporânea.” (LAMAS, 2007, p.32)

Figura 11 - Esfera nº8, 1977. Gego



Fonte: Instagram<sup>13</sup>

Karina Smigla-Bobinski (1967) é uma artista que trabalha com arte digital, arte cinética, vídeo, desenho, pintura, escultura, instalação e performance, que se entrelaçam formando produções híbridas, como *ADA* (figura 12), seu trabalho mais conhecido.

---

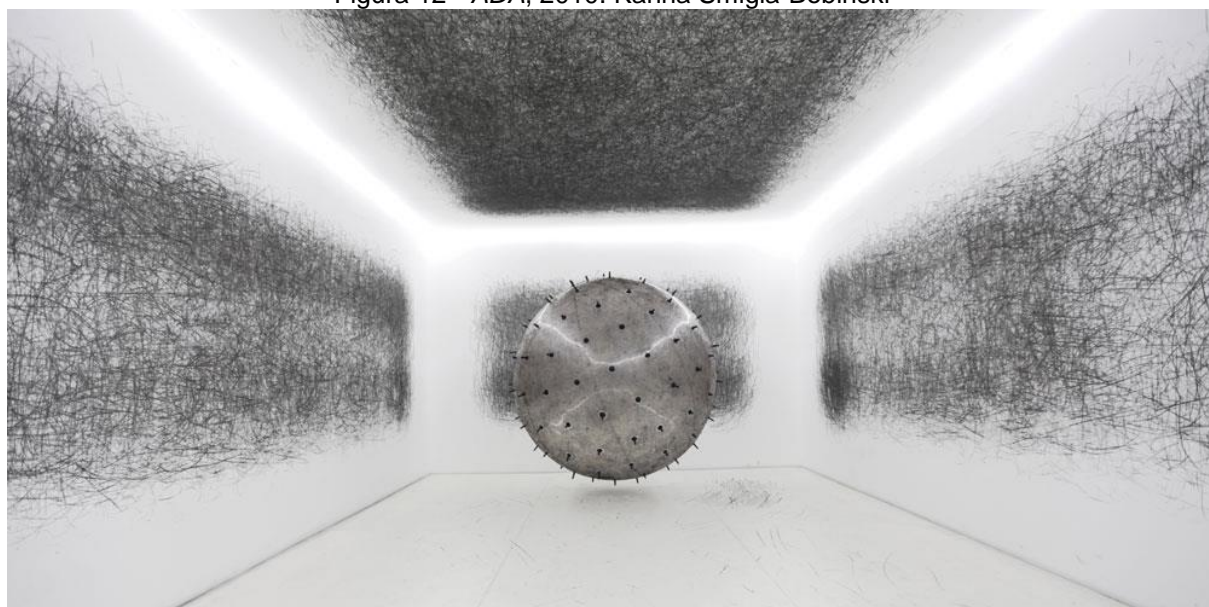
<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BaZhOuNBcTC/?taken-by=drawingcenter>>. Acesso em: 10 set 2017.

*ADA* é uma máquina de desenho projetada pela artista, formada por um balão de PVC cheio de gás hélio, com pontas de carvão cravadas pela parte de fora do balão, ficando com uma aparência semelhante a de uma molécula.

Bobinski diz em seu *site*<sup>14</sup> que *ADA* é “Uma máquina de fabricação de arte interativa. (...) produz de forma bastante autônoma, embora movida por um visitante. O globo obtém aura de vivacidade e seus traços de carvão preto, a aparência de ser um desenho.”. (WESEMANN, 2011)

A forma que encontro de levar essa experiência para os alunos é utilizando bolas de massagem ou de pilates com pontas, podendo ser passadas na tinta e então jogadas ou friccionadas contra a superfície que mais se adequa às possibilidades da escola.

Figura 12 - *ADA*, 2010. Karina Smigla-Bobinski



Fonte: Smigla-Bobinski<sup>15</sup>

Já Tony Orrico (figura 13), utiliza seu corpo, dança coreografada, papel em grandes dimensões ou paredes, e lápis. Ele pode levar até 7 horas para finalizar o

<sup>14</sup> <http://www.smigla-bobinski.com>

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.smigla-bobinski.com/english/works/ADA/>>. Acesso em: 10 set 2017.

trabalho, já que exige muita repetição de movimentos com os braços ou punhos, que se movimentam da mesma forma para construir uma simetria.

Partindo da ideia de que a criatividade é uma força emergente, Tony é fascinado com a forma com que os impulsos físicos se manifestam visualmente. Assim, seu trabalho simétrico, cíclico e reflexivo faz alusão à geração e regeneração arterial, mostrando a tensão do que é passageiro. (SANCHEZ, 2015)

Figura 13 - Penwald Drawings, 2001. Tony Orrico



Fonte: ThingZ<sup>16</sup>

Trisha Brown (figura 14) também utiliza a dança para desenhar, mas diferente de Orrico, não há simetria, e sim uma espontaneidade. O que é interessante de mostrar aos alunos para que notem a diferença que os movimentos causam quando são regulares e irregulares.

---

<sup>16</sup> Disponível em: < <http://thingz.com.br/arte-da-cabeca-aos-pes-de-tony-orrico/> >. Acesso em: 09 set 2017

A dança é uma arte temporal que se desenvolve através da deslocação do bailarino no espaço, do desenho que este faz com os seus gestos. Esta ideia é representada pela coreógrafa e bailarina Trisha Brown, na obra *It's a Draw/Live Feed*. Este trabalho associa desenho, movimento, música e vídeo. O espaço pode-se assim assumir enquanto meio variável no desenho. (AZEVEDO, 2009, p.191 - 192)

Figura 14 - *It's a Draw/Live Feed*. Trisha Brown



Fonte: (AZEVEDO, 2009, p.25)

Com essas ideias como atividades, conseguimos mostrar aos alunos que fazem produções únicas, pois “A recombinação, as diferentes perspectivas resultantes de diferentes sujeitos e contextos conseguem criar algo único de igual modo.” (AZEVEDO, 2009, p.193) e também conseguirem ter uma visão melhor sobre a arte contemporânea e o desenho contemporâneo, entendendo que:

O desenho, como índice humano, pode manifestar-se, não só através das marcas gráficas depositadas no papel (ponto, linha, textura, mancha), mas também através de sinais como um risco no muro, uma impressão digital, a impressão da mão numa superfície mineral, a famosa pegada do homem na lua etc. (DERDYK, 2015, p.32)

A partir disso, podem ser criadas diversas atividades com outros artistas/produções contemporâneas como inspiração, ampliando cada vez mais o repertório artístico dos alunos e suas experiências.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Como dito na metodologia, as entrevistas (apêndice A e B) foram realizadas no CEJA, situado na E.E.B. Ministro Jarbas Passarinho - Criciúma/SC, com 10 alunos do ensino médio da turma noturna.

O CEJA é uma escola de jovens e adultos com objetivos, metodologia e avaliação específicos. Conforme o seu Projeto visa dar a oportunidade de iniciar ou completar o Ensino Fundamental e Médio para todos aqueles que não tiveram acesso ao Ensino convencional ou dele foram excluídos.<sup>17</sup>

Escolhi fazer a coleta de dados com uma turma de ensino médio do CEJA pelo fato de ter alunos com diferentes faixas etárias e terem cursado o ensino regular em diferentes anos, assim tendo uma maior variedade de concepções sobre o desenho.

Nos subcapítulos a seguir apresento a coleta e análise dos dados obtidos através da pesquisa de campo. São apresentados: Entrevista 1, contendo as questões 'O que você entende por desenho?', 'O que você entende por desenho contemporâneo?' e 'Você sabe desenhar? Por quê?'. Relatório da oficina baseada em três artistas, os quais são Janor Vasconcelos, Dennis Oppenheim e Christopher Tandy, e por último a entrevista 2, com as questões 'Depois das atividades o seu conceito sobre desenho foi modificado?', 'Agora você se sente capaz de desenhar?' e 'Você acha que fez desenho contemporâneo?'.

### 5.1 ENTREVISTA 1

A primeira entrevista tem como intuito descobrir quais são os conceitos dos alunos sobre desenho, e também uma de suas vertentes em específico, o desenho contemporâneo, e se os mesmos consideram-se capazes de desenhar conforme os seus conceitos sobre desenho.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://cejacriciuma.blogspot.com.br/p/historia.html>>. Acesso em: 17 out. 2017.

Inicialmente eles ficaram com receio de responder as questões, pois mostrei o que seria questionado e demonstraram não ter um conceito formado sobre o tema, assim tendo medo de dizerem não saber o que é. Fiz a entrevista individualmente e obtive as seguintes respostas quando questionei qual o entendimento que têm sobre desenho:

A1 diz: *Desenho pra mim depende do tipo, tem várias formas de desenho. Tem gente que desenha natureza, eu gosto mais de desenhar móveis, então pra mim o desenho é escolha da pessoa. Isso é o que entendo como desenho.*

Já A2: – *Pra mim desenho é uma obra de arte, é um desenho que vai em estampa, qualquer lugar.*

A3 mostra mais afinidade com a arte respondendo: *Pra mim desenho é expressão maior da alegria ou da tristeza, é uma força grande. Desenho é inspiração.*

A4 e A10 são mais diretos com suas respostas e dizem que desenho é: *Arte.*

A5 diz: *Vem artes na minha cabeça.*

A6 responde: *Desenho é arte.*

A7 tem outro ponto de vista, dizendo que desenho é: *Animação.*

A8 tem a concepção de que: *Desenho é considerado uma arte, pra mim é uma forma de tu se expressares. Mostrar tua emoção.*

A9 diz: Sinceramente, eu desenhava quando era criança, estudava né. Uma casinha, um casal, uma árvore cheia de fruta, flores.

Analisando as respostas desta primeira pergunta, noto que os alunos possuem um conceito muito parecido sobre o desenho, tanto os alunos mais novos como os mais velhos, mostrando que em todos esses anos o desenho realmente vem sendo tratado da mesma forma, o que me lembra uma citação de Ferraz e Fusari (2009, p.45) em que dizem que “O ensino de desenho nas escolas primárias e secundárias valorizava o traço, o contorno, a configuração, e era voltado sobretudo para o aprimoramento do conhecimento técnico e estética neoclássica”.

Apesar disso, há dois alunos que possuem maior afinidade com a arte e citam o desenho como forma de expressão.

A segunda questão feita para sabermos se os alunos já ouviram falar em desenho contemporâneo e se sabem o que significa. Então pergunto ‘O que você entende por desenho contemporâneo?’.

A1 responde com dúvidas: *Contemporâneo é atual, né? Não tenho ideia. Assim, nunca parei pra pensar nesse desenho contemporâneo.*

A2 diz sem medo: *Não sei o que é desenho contemporâneo.*

A3 diz que: *Desenho contemporâneo é o desenho que a gente vê hoje, né? O que a gente vê hoje expostos nos quadros, nos lugares assim...*

A4 e A7 respondem de forma direta: *Não.*

A5 pensa bastante e diz: *Não sei.*

A6 diz: *Desenho contemporâneo eu acho que seja os desenhos que as pessoas querem se expressar, e como eu posso dizer? É que eles deixam os desenhos pela metade pra gente tentar entender o quê que eles desenharam. Não sei se é isso mais ou menos.*

A8 pensativa diz: *Ai, bá. Porque tem o desenho moderno, ai, não lembro, não lembro mesmo.*

A9 diz: *Nunca aprendi*

A10 diz: *Não faço a mínima ideia.*

Depois que expliquei aos alunos que não deveriam ter medo de responder por quê justamente preciso saber quais suas concepções para a pesquisa e que não seriam julgados por isso, pela falta do conhecimento sobre o desenho e o contemporâneo, começaram a se sentir mais à vontade e alguns respondiam com firmeza dizendo apenas 'não'.

A grande maioria disse não ter ideia do que é desenho contemporâneo, e até mesmo que nunca ouviram falar no termo, reforçando a ideia de que os professores não abordam o tema em suas aulas.

Como terceira e última questão da primeira entrevista, pergunto 'Você sabe desenhar? Por quê?'. Então obtive as seguintes respostas:

A1 diz: *Ah, 3 perninha, uma bolinha, quando tenho vontade eu desenho, mas é raro. É rabisco.*

A2 diz: *Eu sei, porque eu gosto bastante de desenhar, eu acho massa.*

A3 relata: *Um pouquinho. De vez em quando eu boto no papel o que eu sinto, o que eu acho, mas bem raramente, mas quando eu faço, faço coisas legais.*

A4 fala um pouco mais: *Mais ou menos, porque não sei, mais ou menos. Não aprendi a desenhar bem.*

A5 diz: *Sou péssima. É difícil, não sei desenhar.*



A6 diz: *Olha, eu tento, não posso dizer “ah, vai sair perfeito”, mas eu tento fazer.*

A7 relata que: *Não. Porque eu não gosto.*

A8 diz: *Não. E pra mim desenhar é expressar tua emoção, e eu só sei fazer solzinho, uma casinha... então pra mim isso não é desenho, tem que saber se expressar.*

A9 explica: *Não. Não sei nem desenhar isso que eu to te falando. Fica tudo horrível, não sei fazer como as pessoas fazem, assim tudo bem certinho.*

A10 diz: *Alguma coisa. Se é alguma coisa que em chame a atenção, que eu goste, aí eu acho que eu me sinto interessada e faço. Eu gosto.*

Como relato na introdução, ouço muito pessoas dizerem que não sabem desenhar, e com esses alunos não foi diferente, alguns dizem não saberem desenhar, e até mesmo que sabem fazer ‘casinha e solzinho’ mas não considera como desenho.

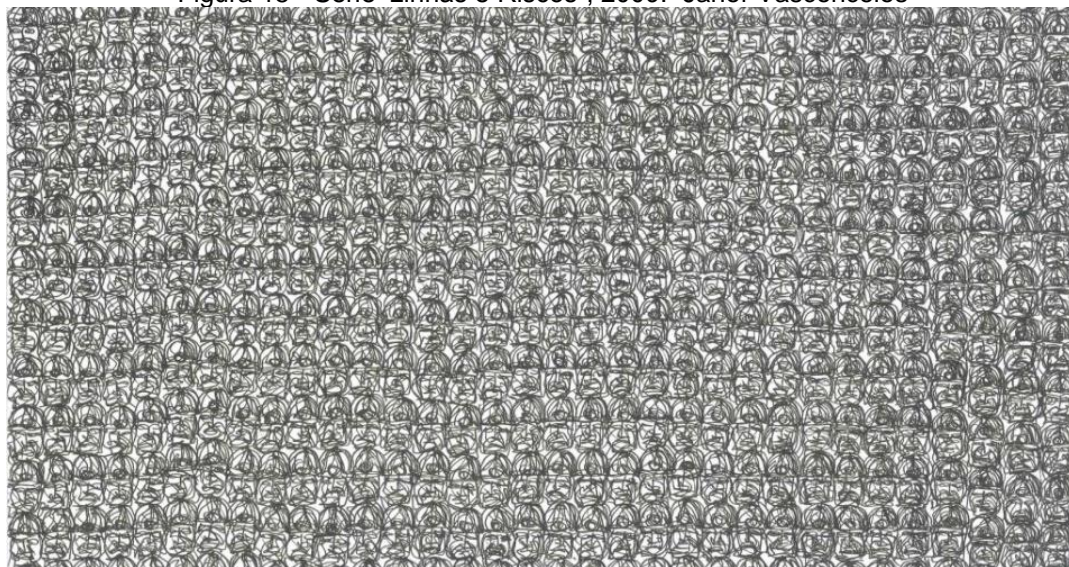
## 5.2 OFICINA DE DESENHO CONTEMPORÂNEO

No início da pesquisa de campo expliquei o porquê de eu estar ali, e comentei sobre o tema da mesma, porém não dei detalhes para não influenciar nas respostas da pesquisa. Depois de falar com todos os alunos e registrar as respostas, relatadas no subcapítulo acima, comecei a explicar alguns conceitos sobre arte contemporânea, fazendo questionamentos ao decorrer da explicação, para notar se os alunos estavam mesmo entendendo a ideia. Várias perguntas surgiram, a maior parte da turma demonstrou interesse, mas apesar disso, ainda havia muito receio quanto ao desenho.

Para a introdução da oficina, mostrei as produções citadas em 4.2 Possibilidades Para o Desenho e falei sobre o processo e significações delas dentro da arte do conceito de desenho.

Como primeira atividade, apresentei uma produção da série ‘Linhas e Riscos’ (figura 15), do artista Janor Vasconcelos, na qual há diversas cabeças de mineiros com capacetes característicos usados na mineração desenhados repetidamente, chegando a 29,7 metros de comprimento. A proposta era: os alunos deveriam pensar em uma forma, objeto ou algo de seu interesse e repetir diversas vezes, até mesmo passando por cima do que já havia desenhado, para entenderem como funciona o processo e fazerem um desenho que gera um efeito diferente dos que costumam fazer.

Figura 15 - Série ‘Linhas e Riscos’, 2009. Janor Vasconcelos



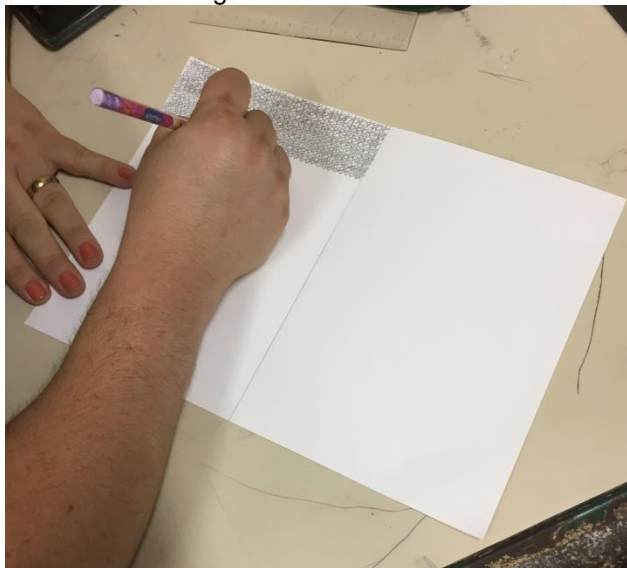
Fonte: Uol<sup>18</sup>

Infelizmente não foram todos os alunos que demonstraram interesse em produzir, ainda havia um grande receio de desenhar, e sempre surgiam falas de desvalorização sobre seus desenhos, mostrando ainda terem muito apego ao ‘belo’.

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://fotos.noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2013/07/11/confira-obras-do-artista-janor-vasconcelos-em-cartaz-no-mube.htm#fotoNav=4>>. Acesso em: 30 set 2017

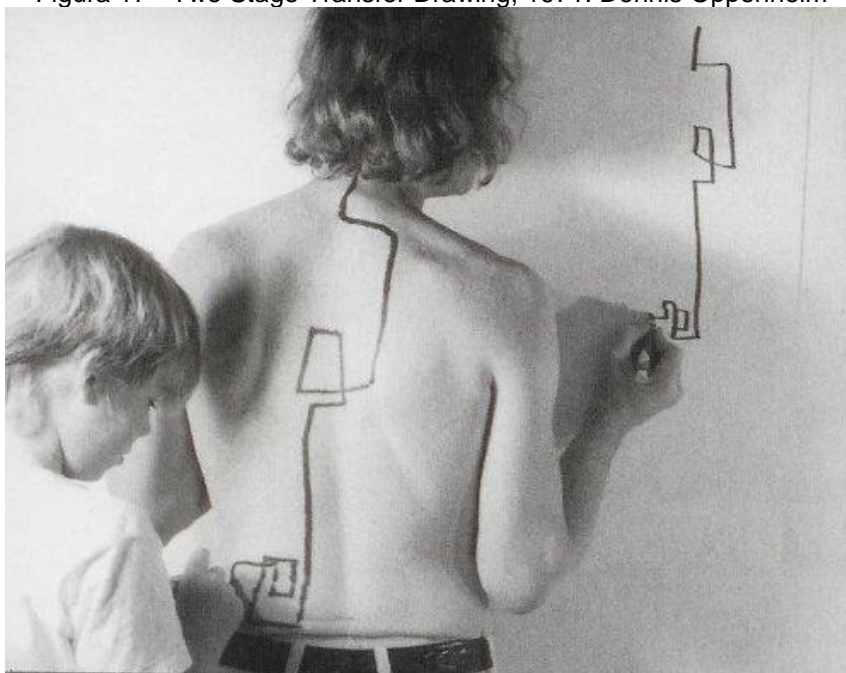
Figura 16 - Atividade I



Fonte: Arquivo de pesquisa

Diferente da primeira proposta, os alunos demonstraram mais interesse pela atividade inspirada na obra *Two Stage Transfer Drawing* de Dennis Oppenheim (figura 17). Notei o ânimo ao interagirem com os colegas, e na questão 'Depois das atividades o seu conceito sobre desenho foi modificado?', seguida das atividades, um aluno referenciou esta proposta ao dizer que seu conceito foi modificado: *Depois do sentido, de transmitir uma coisa diferente a hora que a gente tava fazendo.*

Figura 17 - Two Stage Transfer Drawing, 1971. Dennis Oppenheim



Fonte: razorshapes<sup>19</sup>

Figura 18 - Atividade II



Fonte: Acervo de pesquisa

<sup>19</sup> Disponível em: < <http://razorshapes.com/post/140850263109/dennis-oppenheim-two-stage-transfer-drawing> >. Acesso em: 30 set 2017

A terceira e última proposta é baseada em uma produção do artista Christopher Tandy, intitulada *Huldufólk II* (figura 19). Os materiais que o artista utiliza são carvão, grafite e gel médio em Mylar, porém o foco não é nos materiais utilizados, mas sim no efeito que o trabalho tem, parecendo uma sobreposição de imagens, então distribuí quatro folhas de papel vegetal em tamanho A6 e propus que começassem um desenho em uma folha e o continuassem nas próximas. Tiveram uma certa dificuldade de entender a proposta, mas passando individualmente nas mesas tirei algumas dúvidas e conseguiram produzir.

Figura 19 - *Huldufólk II*, 2017. Christopher Tandy



Fonte: Artsy<sup>20</sup>

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://www.artsy.net/artwork/christopher-tandy-huldufolk-ii>>. Acesso em: 30 out 2017.

Apesar de três alunos terem chegado atrasados para a primeira entrevista, participaram da oficina e demonstraram interesse e tiraram dúvidas assim como os demais alunos.

Figura 20 - Atividade I



Fonte: Acervo de pesquisa

Figura 21 - Atividade II



Fonte: Acervo de pesquisa

Figura 22 - Atividade III



Fonte: Acervo de pesquisa

### 5.3 ENTREVISTA 2

A última entrevista tem como intuito receber uma devolutiva sobre a oficina envolvendo desenho contemporâneo, descobrindo se a atividade mudou sua visão sobre o que é desenho, se o aluno agora sente capacidade para desenhar, caso não sentisse capaz antes, e se conseguiram fazer desenho contemporâneo com as atividades apresentadas.

Novamente fiz a entrevista individualmente e obtive as seguintes respostas quando questionei se o conceito sobre desenho foi modificado para eles, perguntando: 'Depois das atividades o seu conceito sobre desenho foi modificado?'

A1 responde referindo-se a atividade baseada na produção do artista Dennis Oppenheim: *Sim, depois do... Depois do sentido, de transmitir uma coisa diferente a hora que a gente tava fazendo...*

A2 enfatiza: *Mudou, bastante.*

A3: *Mudou, mudou.*

A4 afirma: *Foi.*

A5: *Um pouco.*

A6: *Acho que não.*

A8 afirma: *Um pouco. Mais liberdade.*

A9 afirma: *Mudou.*



A10, que afirmou na primeira entrevista que sabe desenhar diz: *Não, continua a mesma coisa, porque eu gosto de desenhar.*

Grande maioria diz que sua ideia sobre desenho mudou. Alguns ainda ficaram com um pouco de dúvida, por termos tido apenas uma noite para todas essas informações, mas de algum modo mudou a percepção dos alunos.

Para a questão 'agora você se sente capaz de desenhar?' os alunos responderam:

A1 afirma: *Sim, foi. Foi diferente. Foi espontâneo.*

A2: *Aham.*

A3 relata: *A gente se apega muito nos detalhes, no desenho, então a arte não é só uma linha reta, uma curva bem feita, como a professora falou, então acho que agora abriu mais a visão ampla do desenho.*

A4: *Sim.*

A5 diz: *Mais ou menos.*

A6 diz: *Eu consigo desenhar.*

A8 afirma: *Sim.*

A9: *Agora sinto.*

A10 diz: *uhum*

Todos os alunos afirmaram saber ou sentir-se mais capazes de desenhar, diferente de antes, e conforme Costa (2011, p.35) "O que caracteriza a arte é, principalmente, a emoção estética que ela desperta, emoção que depende da nossa sensibilidade

moldada pelo meio social e pela cultura na qual vivemos.”. Se é moldada pelo meio social, como vai gostar de outras possibilidades se o professor sempre repete o repertório artístico e as atividades. Já com uma aula foi possível perceber uma mudança na percepção desses alunos.

Como última pergunta da entrevista, questiono os alunos para saber se eles consideram o que fizeram como desenho contemporâneo.

A1 comenta: *Não muito. Eu tava falando pra eles agora, que eu sou um cara que transforma o lixo em luxo, então.. mas mudou, a forma de pensar mudou.*

A2: *Achei, gostei também. Ah, pra mim desenho contemporâneo foi como ele falou daquilo ali né, na verdade eu não sei como é esse desenho contemporâneo, não sei na verdade o que quer dizer.*

A3 diz com firmeza: *Sim, com certeza fiz.*

A4: *Sim*

A5, que só fez uma atividade da proposta diz: *Não.*

A6 olha para as atividades e diz: *Acho que fiz.*

A8 afirma: *Sim, sim... Da pra dizer que aquilo é um desenho contemporâneo.*

A9 diz: *Eu acho que entendi, tenho uma ideia, mas acho que o meu não ficou, mas já peguei a ideia como é.*

A10 diz: *Sim, abstrato, sem consentimentos e sem sentimentos.*

Quando cito Cocchiarale (2007, p.14), no capítulo 3 Arte Contemporânea (p. 24), trago a ideia em que o mesmo diz que as pessoas procuram entender a arte ao

invés de senti-la, e isso foi muito visível ao decorrer das entrevistas e das propostas de atividades. Apesar de não haver uma enorme mudança no olhar dos alunos, houve mudanças que pude notar durante a oficina, que são explicitadas nas respostas desta segunda fase das entrevistas.

## 6 PROJETO DE CURSO

**Título:** Desenho contemporâneo

**Ementa:** Reflexão sobre a arte contemporânea. Estudo e busca da compreensão do desenho contemporâneo. Aplicação de atividades sobre desenho.

**Carga Horária:** 6h/a

**Público-alvo:** Alunos do Ensino Médio

**Justificativa:**

Este projeto tem como foco o desenho contemporâneo na perspectiva da valorização do processo criativo dos alunos, pois como dito por Favaretto (2010, p.231) “os processos não são propriamente funções; são os devires, e estes não se julgam pelo resultado que os findaria, mas pela qualidade dos seus cursos e pela potência de sua comunicação”, o que é desvalorizado por muitos. O intuito deste projeto é mudar essa percepção do aluno e inserir nas atividades práticas ao menos alguns aspectos contemporâneos, assim não tendo um choque por conta do “medo pelo contemporâneo”. Junto disso quero trazer a intervenção através do desenho, pois como dito no livro pedagógico Arte e Interação, “todas as linguagens artísticas podem promover intervenções usando as próprias características ou misturando-se.” (BOZZANO, FRENDA E GUSMÃO, 2013, p.103)

**Objetivo geral:** Ampliar o olhar do aluno para o seu próprio desenho evidenciando o processo do desenho contemporâneo como parte integrante dele.

**Objetivos específicos:** Conhecer o desenho contemporâneo a partir de produções de artistas desconhecidos pelos alunos.

Ampliar o repertório artístico contemporâneo do aluno.

Interagir com o desenho contemporâneo através de atividades propostas na aula.

### **Metodologia:**

**Primeiro encontro (2h/a):** Neste primeiro encontro será feita uma introdução sobre a arte contemporânea e o que é o desenho e qual a importância de seu processo. Após a introdução será apresentado produções de artistas que tem foco no desenho contemporâneo e qual o processo que o artista usa para chegar ao desenho, assim aumentando o repertório dos alunos, e por fim mostrar a trajetória artística de Yoko Ono e seu livro *Grapefruit: O Livro de Instruções e Desenhos de Yoko Ono (1964)*, o qual serve de inspiração para as propostas do encontro seguinte.

**Segundo encontro (2h/a):** Como atividades para o encontro serão listados cinco exercícios para os alunos terem novas experimentações. Esses são: Desenhe o que mais gosta em 30 segundos; Desenhe o vento; Procure formas de animais ou pessoas em mapas; Desenhe com a mão não dominante; Desenhe a sombra da sua mão que desenha.

**Terceiro encontro (2h/a)** Neste encontro será apresentado aos alunos algumas produções de artistas que utilizam imperfeições em paredes para criar desenhos e junto disso será lançada a proposta de fazerem o mesmo com o espaço escolar. Formando duplas poderão sair da sala para observar o espaço e dar início ao projeto de intervenção nas paredes da escola, baseando-se nos artistas apresentados anteriormente.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar de que forma o desenho contemporâneo pode gerar uma nova concepção do aluno sobre o seu próprio desenho. Sendo assim, as respostas dos alunos foram de extrema importância para a pesquisa, pois o problema que me motivou a realizar esta pesquisa tornou-se evidente após a primeira entrevista, já que a grande maioria não soube explicar o que é desenho contemporâneo, tendo algumas vezes apenas como resposta o significado de contemporâneo, o 'agora'.

Através destas reflexões é possível afirmar que os alunos precisam de mais embasamento teórico e prático para compreender a arte, e neste caso especificamente o desenho contemporâneo, tendo o contemporâneo como um tema comum, também servindo de comparação a períodos passados. Não bastam informações sobre o passado, não só o adulto, mas a criança e o adolescente precisam perceber o real sentido do que temos atualmente, podendo estabelecer relações com o seu cotidiano, mas infelizmente “Os sistemas educacionais, por força das circunstâncias, estão mais voltados para a educação técnica e profissionalizante. Esta postura inibe o ato perceptivo, condicionando-o a uma visão temporal e histórica.” (DERDYK, 2015, p.31), já que sua educação é voltada ao trabalho, assim não conseguindo analisar de melhor forma o que acontece à toda sua volta.

Contudo, acredito ter obtido bons resultados a partir da minha pesquisa, pois ela contribuiu na concepção de um olhar mais apurado quanto à questão do desenho na contemporaneidade, e a grande maioria disse ter um novo olhar sobre o desenho após a oficina, como o entrevistado A3, que diz: *A gente se apega muito nos detalhes, no desenho, então a arte não é só uma linha reta, uma curva bem feita, como a professora falou, então acho que agora abriu mais a visão ampla do desenho.*

Diante disso creio ter me aproximado do meu objetivo, apesar de ter uma necessidade de maior tempo para explorar esses conceitos com os alunos, pois em só um dia não foi possível livra-los totalmente das amarras e conceitos do passado. Esse processo é gradual, mas nota-se que quanto mais trabalhado, mais essa visão vai mudando e deixando o aluno contente com suas produções.

No processo de evolução das artes visuais, inúmeros preceitos foram superados, fragmentados e freqüentemente reordenados sob múltiplas formas de expressão, estabelecendo infinitas poéticas que transcendem modalidades e categorias, buscando na interdisciplinariedade o apoio e a fundamentação em outras ciências. (LAMAS, 2007, p.35)

A educação faz parte desse ciclo, então com empenho e uma visão livre de estereótipos, conseguiremos mudar essa realidade para melhor.

A partir de toda essa análise, e da experiência vivenciada no CEJA, o projeto de curso foi criado para mostrar mais opções aos professores de como levarem o desenho e a arte contemporânea para a sala de aula, experimentando diversas formas de fazê-la.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?:** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009. 92 p.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (Org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais.** 3. ed São Paulo: Cortez, 2010. 432 p.
- BERVIAN, Pedro Alcino; CERVO, Amado Luiz; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica.** 6. ed São Paulo: Prentice Hall, 2007. 162 p.
- BOSCO, M. C. O ensino da arte contemporânea. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BORTUCAN, Vanessa. O entre-lugar do desenho contemporâneo: processo-fatura. **Palíndromo**, Udesc, n. 9, p. 257-263, 2013.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional.** São Paulo: Martins Fontes, 2009. 151 p.
- BOZZANO, H. L. B.; FRENDA, P.; GUSMÃO, T. C. **Arte e Interção.** São Paulo: Editora IBEP, 2013.
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em < [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) >. Acesso em: 10 set 2017.
- BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias,** 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf)>. Acesso em: 27 set 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, p.130.
- CANO, M. R. O. A reflexão e a pratica no ensino. 1ª ed. São Paulo: Livro Certo. 2012.
- CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins, 2005. 168 p.
- COCCHIARALE, Fernando. . Quem tem medo da arte contemporânea?. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006. 77p.
- COLI, Jorge. **O que é arte.** 15. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995. 131 p.
- COSTA, Cristina. Questões de arte: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético. São Paulo: Ed. Moderna, 2011. 144 p.



DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos**: guia enciclopédico da arte moderna. 2. ed São Paulo: Cosac & Naify, 2010. 311 p.

DERDYK, Edith (org.). **Disegno. Desenho. Desígnio**. Senac: São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Formas de pensar o desenho**: Desenvolvimento do grafismo infantil. 5 ed. Porto Alegre: Zouk, 2015. 195 p.

ELIAS, H.; VASCONCELOS, M. **Desmaterialização e Campo Expandido**: Dois conceitos para o desenho contemporâneo. 8º Congresso LUSCOM.

FAVARETTO, C. F. **Arte Contemporânea e Educação**. Revista Iberoamericana de Educación. N.º 53. 2010.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Ed. Cortez, 1992-1993. 151 p.

\_\_\_\_\_. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009 205 p.

GUSMÃO, Celina. **Interações**: diálogos entre o fazer e o olhar na arte. São Paulo: Blucher, 2012.

LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: Ed. da UNIVILLE, 2007. 135p.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir, e conhecer a arte. São Paulo: FTD, 1998. 197 p.

ONO, Yoko. **Grapefruit**: *O Livro de Instruções e Desenhos de Yoko Ono*. New York: Simon & Schuster, 2000.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A Educação do Olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Editora Mediação, 4 ed., 2006.

SANTA CATARINA: **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Formação Integral na Educação Básica. Disponível em: <  
[http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/site/Proposta\\_Curricular\\_final.pdf](http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/site/Proposta_Curricular_final.pdf)>. Acesso em: 16/04/2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002. 335 p.

## Dissertação

AZEVEDO, Ana Alexandra Loureiro Neves da Costa. **A afirmação do desenho desde**

**a segunda metade do séc. XX.** 2009. 224 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Criação Artística Contemporânea, Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2009. Disponível em: <http://biblioteca.sinbad.ua.pt/teses/2009001204>>. Acesso em: 26 out. 2017.

### **Meio Eletrônico**

CRICIÚMA, CEJA. (Org.). **História.** Disponível em: <http://cejacriciuma.blogspot.com.br/p/historia.html>>. Acesso em: 17 out. 2017.


RIBEIRO, Raquel Alexandra Oliveira da Silva. **Romantismo:** Contextualização histórica e das artes. 2010. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Performance do Violoncelo, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/656/1/Romantismo.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2017.

SANCHEZ, Robs. **ARTE DA CABEÇA AOS PÉS DE TONY ORRICO.** 2015. Disponível em: <http://thingz.com.br/arte-da-cabeça-aos-pes-de-tony-orrico/>>. Acesso em: 15 out. 2017.

WESEMANN, Arnd. **ADA:** analog interactive installation / kinetic sculpture / post-digital drawing machine. 2011. Disponível em: <http://www.smigla-bobinski.com/english/works/ADA/>>. Acesso em: 17 out. 2017.

## APÊNDICE(S)


## APÊNDICE A – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA I

	<p><b>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC</b> <b>UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO</b> <b>CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</b></p>
---	---

### ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA

- 01 – O que você entende por desenho?
- 02 – O que você entende por desenho contemporâneo?
- 03 – Você sabe desenhar? Se não, por quê?


## APÊNDICE B – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA II

	<p><b>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC</b> <b>UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO</b> <b>CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</b></p>
---	---

### ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA

- 01 – Depois das atividades o seu conceito sobre desenho foi modificado?
- 02 – Agora você se sente capaz de desenhar?
- 03 – Você acha que fez desenho contemporâneo?

## APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC          UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO          CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	--

### AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, \_\_\_\_\_(NOME),  
 \_\_\_\_\_(ESTADO CIVIL), \_\_\_\_\_(PROFISSÃO),  
 portador(a) da carteira de identidade nº \_\_\_\_\_ expedida pelo (ÓRGÃO  
 EXPEDIDOR), \_\_\_\_\_ inscrito(a) no CPF sob o nº  
 (NÚMERO)\_\_\_\_\_, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

\_\_\_\_\_ autorizo  
 , de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da minha voz,  
 sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Laura May Gonçalves do  
 Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Alan Figueiredo Cichela para  
 que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de  
 Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito  
 sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha  
 imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Desenho Contemporâneo: Novas Concepções Para O Olhar Do Aluno.

A Sra. \_\_\_\_\_ Diretora da \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ foi plenamente esclarecida de que autorizando a coleta de dados desse projeto na \_\_\_\_\_,

estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos contribuir para um novo olhar do aluno sobre seu próprio desenho.

Embora a Sr. venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a unidade escolar no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro a Sr. não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que a Sr. poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Laura May Gonçalves ((48)99993-0313) da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pelo professor Alan Figueiredo Cichela ((48) 98823-5677).

Criciúma (SC) \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura do Responsável pela Instituição